

AS RAINHAS GINGAS DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS LIVROS “NAÇÃO CRIOULA” (1997), “O ANO EM QUE ZUMBI TOMOU O RIO” (2002) E “O VENDEDOR DE PASSADOS” (2004)

AS RAINHAS GINGAS OF JOSÉ EDUARDO AGUALUSA: AN ANALYSIS BASED ON “NAÇÃO CRIOULA” (1997), “O ANO EM QUE ZUMBI TOMOU O RIO” (2002) AND “O VENDEDOR DE PASSADOS” (2004)

Mariana Alves da Silva¹

Helder Thiago Maia²

Resumo: Neste trabalho, analisamos a construção da personagem Rainha Ginga em três romances de José Eduardo Agualusa: *Nação Crioula: A correspondência secreta de Fradique Mendes* (1997), *O ano em que Zumbi tomou o rio* (2002) e *O vendedor de passados* (2004), buscando compreender como a versão literária desta figura histórica permite refletir sobre memória, passado e identidade nacional.

Abstract: In this paper, we analyse the construction of Rainha Ginga as a character of three novels written by José Eduardo Agualusa: *Nação Crioula: A correspondência secreta de Fradique Mendes* (1997), *O ano em que Zumbi tomou o rio* (2002) and *O vendedor de passados* (2004). We seek to understand how the literary version of this historical figure can instigate reflections about memory, past and national identity.

Palavras-chave: Rainha Ginga; José Eduardo Agualusa; donzela-guerreira; história; gênero.

Keywords: Rainha Ginga; José Eduardo Agualusa; woman warrior; history; gender.

Introdução

A Rainha Ginga, ou Njinga Mbandi³, governante do Reino de Ndongo-Matamba, onde hoje se localiza o norte de Angola, foi uma personagem histórica do século XVII que conquistou seu lugar no imaginário cultural e literário de Angola e do Brasil. Ora retratada como cruel e bárbara, ora entendida como grande heroína da resistência portuguesa (LUGARINHO, 2016), a personagem desperta grande interesse por conta de suas notórias habilidades políticas e bélicas (HEYWOOD, 2019).

1 Bolsista PIBIC/CNPQ e graduanda em Letras na Universidade de São Paulo.

2 Bolsista FAPESP de Pós-Doutorado, número de processo, 2018-19521-4, em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo.

3 Esta é uma personagem cuja complexidade começa pelo nome. Afinal, ao ser transposto para o português, o nome acabou recebendo diferentes grafias: Ginga, Jinga, Nzinga ou Njinga Mbandi, sendo os dois últimos mais adequados à fonética do quimbundo, língua original do povo de Ndongo (HEYWOOD, 2019). Entretanto, como o nome “Rainha Ginga” é mais difundido no Brasil e é o nome adotado com mais recorrência na obra de José Eduardo Agualusa, optaremos por privilegiar esta versão neste artigo. Cabe ressaltar, ainda, que em inúmeros textos históricos, a personagem é referenciada, inclusive por si mesma, por um nome católico, Ana de Sousa, adotado na ocasião de seu batismo. Para os fins deste artigo, entretanto, não o utilizaremos.



As representações de Nzinga Mbandi apresentam uma dimensão forte do ponto de vista do gênero e da sexualidade, como defende Maia (2019a), que apresenta uma divisão entre os retratos coloniais e os pós-coloniais feitos da personagem. A visão deste autor corrobora a leitura de Heywood (2019, p. 7): “ela foi difamada por contemporâneos europeus e escritores posteriores, que a acusaram de ser uma selvagem incivilizada que encarnava o pior do gênero feminino”. Adiante, Heywood apresenta como a barbárie está diretamente vinculada à transgressão de normas de gênero. Por outro lado, após a independência de Angola, Lugarinho (2016) e Maia (2019c) descrevem uma “domesticação da personagem”, que para ocupar um lugar de heroína nacional, precisa também ser definida dentro de um padrão fixo de gênero, marcado pela divisão dos papéis masculinos e femininos.

Tomando, portanto, esse referencial teórico, apresentaremos algumas discussões acerca das aparições da Rainha Ginga em três textos de José Eduardo Agualusa, buscando compreender como a personagem se insere no contexto de cada obra, como ela se relaciona com as outras personagens e, também, como a construção ficcional se relaciona com alguns fatos históricos da colonização do território que hoje é Angola. Buscaremos, ainda, entender de que maneira as diferentes estratégias discursivas para retratar a Rainha Ginga articulam questões de memória e identidade nacional. Nessa tarefa, baseamo-nos nas proposições de José Manuel Oliveira Mendes que, retomando os trabalhos de Stuart Hall, Benedict Anderson e Bakhtin, rejeita uma visão essencialista e estática da identidade. Para Oliveira Mendes (2002, p. 522), é preciso entender a “identidade narrativa” como algo que é construído no discurso e que se torna um mecanismo articulador de múltiplas experiências. Nessa produção discursiva, aliás, a memória aparece como a forma de registro em que aparecem as predicções e as qualificações dos acontecimentos, opondo sujeitos e permitindo que, a partir da comparação, estes adquiram uma certa identidade que, nesse sentido, é sempre um produto relacional.

Neste trabalho, utilizaremos os seguintes romances de José Eduardo Agualusa: *Nação crioula: A correspondência secreta de Fradique Mendes* (1997), *O ano em que Zumbi tomou o rio* (2002) e *O vendedor de passados* (2004)⁴. É importante ressaltar, porém, que nosso trabalho não pretende traçar uma análise dos textos em sua integralidade, mas compreender como a personagem da Rainha Ginga aparece nessas obras como um índice da construção de identidades relacionais que podem ser associadas ora com discursos coloniais, ora com discursos pós-coloniais.

Nação Crioula: A Correspondência Secreta de Fradique Mendes

Para falar deste romance epistolar de Agualusa, é preciso antes tratar de como esta obra se apropria de um personagem da Geração de 1870 da Literatura Portuguesa: Carlos Fradique Mendes. Trata-se da construção de uma espécie de heterônimo coletivo, que foi, ao mesmo tempo, personagem e pseudônimo de obras produzidas por autores como Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão e Antero de Quental.

Em 1869, poemas publicados em um jornal lisboeta foram atribuídos a este personagem fictício. Já em 1870, Fradique Mendes foi personagem de *Mistério da Estrada de Sintra*, romance assinado por Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz. Finalmente, tornou-se protagonista de *A correspondência de Fradique Mendes*, de autoria de Eça de Queiroz, publicado em 1900.

⁴ É importante destacar que a personagem da Rainha Ginga aparece em outras produções do mesmo autor, como nos romances *Estação das chuvas* (1996), *Milagrário pessoal* (2010), *Teoria geral do esquecimento* (2012), *A rainha Ginga: e de como os africanos inventaram o mundo* (2014) e no conto *Os pretos não sabem comer lagosta* (1999). Esses textos serão objeto de análise de trabalhos posteriores.



O texto de Eça é dividido em duas partes: na primeira, chamada de *Memórias e Notas*, o narrador traça uma biografia extremamente elogiosa a Fradique Mendes, exaltando de maneira efusiva seu intelecto, sua experiência internacional e seu talento literário. O narrador apresenta-se como um admirador que acaba por tornar-se amigo de Fradique Mendes.

Com o intuito de divulgar as ideias do amigo, descrito como um grande português, que teria muito a contribuir no desenvolvimento da nação portuguesa, o narrador toma para si a empreitada de publicar a correspondência pessoal de Fradique Mendes. Entretanto, como o narrador do romance revela na biografia do amigo falecido, a publicação das cartas seria contrária ao desejo manifesto de Fradique Mendes de não publicar nada de sua autoria.

A segunda parte do romance de Eça de Queiroz é, portanto, fruto do sucesso do narrador em revelar ao mundo e, especialmente a Portugal, os pensamentos expressos por Fradique Mendes em sua correspondência privada. Há, entretanto, uma lacuna que será aproveitada adiante por Agualusa: o fato de que o narrador afirma que haveria ainda outras cartas não-publicadas, seja porque estivessem perdidas, seja porque o acesso a elas havia sido negado por seus destinatários.

No decorrer das cartas, a figura exaltada da primeira parte toma uma forma mais humana. Por meio das correspondências, são revelados tipos portugueses e situações que ironizam, na voz de Fradique Mendes, elementos pouco modernos de Portugal, colocando, aliás, a ideia de modernização, tão cara à Geração de 1870, em um plano de destaque no romance.

É interessante notar como Fradique é descrito como um homem viajado, experiente, que passa por uma África descrita de maneira genérica e muitas vezes estereotipada, povoada por tipos caricatos. Sendo esse desbravador admirado por seus pares, ele é questionado sobre a possibilidade de escrever um livro sobre sua experiência na África. Em mais um episódio de “humildade”, Fradique afirma que nada tem a acrescentar sobre o que já foi dito e, assim, resta uma lacuna sobre a relação deste personagem com a tal “África”.

Podemos dizer, então, que o romance de Agualusa supre a lacuna do romance de Eça no que tange à passagem de Fradique Mendes por Angola. Em *Nação crioula*, constrói-se uma aventura em que o personagem se apaixona por Ana Olímpia, mulher angolana, ex-escravizada. As circunstâncias acabam levando o casal ao Brasil, onde eles passam a conviver com membros históricos do movimento abolicionista - há, aliás, a menção a personagens históricos - e tornam-se porta-vozes da questão em solo europeu:

Na companhia de José do Patrocínio veio do Rio de Janeiro uma outra figura importante do movimento emancipalista: o advogado Luís Gama (AGUALUSA, 1997, p. 97).

Em que pese o fato de Fradique ser o grande protagonista do romance de Agualusa, seguindo a linha do romance de Eça de Queiroz, há também um destaque considerável à figura de Ana Olímpia em *Nação crioula*. Há apenas uma carta que não fora escrita por Fradique, e é uma carta de Ana Olímpia endereçada à figura de Eça de Queiroz. Esta carta, além de oferecer a perspectiva de Ana Olímpia sobre as aventuras vividas com Fradique, também constitui uma espécie de espelhamento da biografia do livro assinado por Eça.

Além disso, chama a atenção o modo como Ana Olímpia é retratada, tendo sua índole sempre associada à sua beleza. Aos olhos de Fradique, seu intelecto e seus princípios parecem ser quase reflexos da sua perfeição física. Isto é algo que marca as duas mulheres de maior destaque do romance. Como

contraponto direto ao encanto e à moralidade de Ana Olímpia, a personagem Gabriela Santamarinha é descrita como o cúmulo da fealdade e da hediondez. É uma mulher capaz de incomensuráveis torturas contra suas escravas.

O curioso é ser justamente Gabriela Santamarinha a personagem associada diretamente à Rainha Ginga no romance. Em uma festa que oferece logo depois de voltar de uma temporada no Brasil, acompanhada de um séquito de mucamas brancas, Gabriela faz uma aparição que remete a um dos episódios mais célebres da vida da Rainha Ginga, aquele em que a figura histórica, em visita diplomática ao governador português em Luanda, usa uma escrava como cadeira:

O ano passado [Gabriela Santamarinha] regressou de uma demorada viagem ao Brasil com uma corte de mucamas brancas, e pouco depois preparou um baile em sua casa, recebendo os convidados sentada, segundo o exemplo da famosa Rainha Ginga, ou Nzinga Mbandi, nas costas de uma destas escravas. No Brasil ter-se-iam rido dela, mas em Luanda, onde os europeus vivem no constante terror de que os negros se revoltem, o atrevimento foi visto como um mau presságio (AGUALUSA, 1997, p. 55).

Há primeiro uma equiparação de gênero que chama a atenção. Quanto à raça, não se pode traçar nenhuma afirmação porque esta característica de Gabriela Santamarinha nunca é explicitada. Entretanto, é notável como ecoa, na superposição da Rainha Ginga com esta personagem tão terrível e cruel, a visão colonizadora que se construiu sobre a governante do reino de Ndongo-Matamba.

É algo que remete diretamente à visão que o padre capuchinho Antonio Cavazzi de Montecucolo, em sua obra *Istorica descrizione* (1687), tem de Ginga antes de sua conversão ao cristianismo. Neste livro, com o objetivo de criar um retrato do sucesso das conversões em África, o religioso esboça uma oposição clara entre a Ginga católica praticante e sua suposta índole anterior, marcada por crueldade, violência e transgressão. Nesse sentido, é este retrato negativo e de caráter colonizador que se reflete na associação com Gabriela Santamarinha.

Mas há ainda outros elementos a serem destacados em relação ao paralelo entre essas personagens. Logo após a descrição da cena, há um comentário de Fradique sobre a repercussão que a festa causa. Ora, há neste trecho um esboço de comparação entre o problema da escravidão e da questão racial no Brasil e em Luanda, que sugere a ideia de que não havia ameaça de revolta negra no Brasil. Isso é reforçado mais adiante no livro, quando Fradique diz que, no Brasil, os africanos tratam brancos como se fossem deuses. É uma visão novamente colonizadora que apaga a força daqueles que foram trazidos ao país em condições tão desumanas.

Por fim, cabe um último destaque quanto à Rainha Ginga em *Nação crioula*. Chama a atenção a sua ausência no momento em que, estando no Nordeste brasileiro, Fradique descreve as congadas. Festas populares que foram objeto de estudo do folclorista Câmara Cascudo (1962), referenciado por Maia (2019b) e Lugarinho (2016), essas celebrações costumam dar grande destaque à Rainha Ginga ao lado do Rei Congo. Essas festividades foram, aliás, as grandes responsáveis pela difusão dessa personagem na cultura brasileira.

Ora, o fato de Fradique Mendes referir-se à personagem histórica para compará-la a uma personagem desprezível, mas não destacar a presença de uma Rainha Ginga nas congadas reforça a ideia de que, neste livro, há uma visão negativa e muito próxima da perspectiva colonial sobre quem fora Njinga Mbandi.

O Ano em que Zumbi Tomou o Rio (2002)

Este romance, cuja trama se passa no Rio de Janeiro, acompanha um número considerável de personagens e tramas paralelas. Apesar das múltiplas narrativas que atravessam o livro, destacamos, para esta leitura, principalmente, as comparações entre Brasil e Angola no que tange questões de raça e classe e o seu reflexo em conflitos armados. Neste ponto, é notável, portanto, o traço de continuidade em relação a certos pontos já presentes em *Nação crioula*. Mantém-se uma perspectiva complicada e questionável que vê no Brasil a necessidade de uma revolta da população negra que nunca teria sido realizada, como se o projeto escravocrata não tivesse tido oposição suficiente, principalmente da parte daqueles que foram escravizados.

Se, por um lado, há pontos de continuidade, há elementos também que distinguem os dois livros. Ao contrário do que acontece em *Nação crioula*, em *O ano em que Zumbi tomou o Rio*, Ginga não é comparada a uma outra personagem do livro, mas a uma figura histórica, Ekuikui.

Para contextualizar um pouco essa menção a Ginga, é preciso esmiuçar o capítulo um tanto quanto peculiar do livro em que a personagem é citada. O episódio envolve Euclides Matoso da Câmara, descrito como um jornalista anão, negro, homossexual, órfão e criado por padres que residem no Brasil para escapar da perseguição perpetrada pelo governo angolano.

Euclides, por intermédio de um ex-militar angolano, chamado Francisco Palmares, acaba por travar relações com Jararaca, chefe do tráfico no Morro da Barriga, que será um dos protagonistas da tomada do Rio de Janeiro referenciada no título do livro. Um grande estopim para que isso aconteça, aliás, é a tragédia que Euclides testemunha e que ele irá reportar como correspondente de um jornal português. Trata-se de uma invasão policial ao Morro da Barriga que tem um resultado trágico: o assassinato de oito crianças negras vestidas de anjo.

Por conta do impacto da tragédia e da efervescência política e social do Rio, Euclides acaba por se lembrar de um caderno guardado, de autoria de Dona Felicidade, mulher que era vista como “louca” e que “mendigava moedas” nos arredores do local onde Euclides fora criado. Na sua memória, porém, Dona Felicidade marca-se como aquela que as crianças cruéis de sua escola diziam ser sua mãe: “anão, cabeça de melão, tua mãe é Dona Felicidade” (AGUALUSA, 2002, p. 723).

O caderno de Dona Felicidade, um conjunto de escritos um tanto quanto herméticos, cifrados, é que guarda a menção à Rainha Ginga. Ao abrir o objeto ao acaso, Euclides depara-se com uma espécie de profecia que prevê tragédia para os guerreiros negros de Ginga e Ekuikui:

Levanta-se e procura o caderno de Dona Felicidade. Abre-o ao acaso e lê: “Virão gafanhotos, grandes como elefantes e armados de armaduras resplandecentes, e os guerreiros negros de Ginga e Ekuikui não terão descanso. Virão os tempos da ruína e do êxodo. Os paus de imbondo nascerão com cabeças de gente no lugar das múcuas, e as cabeças hão de cantar canções tristíssimas, soprando e soprando sombras à boca pequena da noite. Uma escuridão como nunca se viu antes cairá sobre todas as coisas.” (AGUALUSA, 2002, p. 1693)



Logo de imediato, ressalta-se a associação entre as duas figuras históricas. Ekuikui foi um governante da região de Huambo que combateu a ocupação portuguesa por 14 anos. Ele está, entretanto, um pouco distante de Ginga no aspecto espaço-temporal, já que viveu mais ao sul do território angolano e no século XIX. Governante do reino de Ndongo-Matamba, localizado mais ao leste da atual Angola, Ginga resistiu à dominação portuguesa por quase quatro décadas, utilizando diversas estratégias bélicas e diplomáticas. Ambos, Ekuikui e Ginga, são tidos como “heróis nacionais”, de tal forma que a menção conjunta aos dois remete a esse panteão de heróis que embasam a ideia de uma identidade angolana de resistência.

Resta, portanto, pensar para quais sentidos a profecia aponta. Afinal, quem seriam os guerreiros de Ginga e Ekuikui aos quais se refere? Poderíamos inferir que se trata da resistência à colonização portuguesa, ou, mesmo, aqueles que viriam a constituir a Angola pós-Independência, com o desafio de lidar com o legado da violência e das reconfigurações coloniais? Poderia, até mesmo, ser a população negra brasileira, ainda marcada pelo desafio de lidar também com um passado colonial e escravista?

A obra permite todas essas interpretações, e é justamente na superposição das questões que a construção literária permite a conexão entre cenários históricos distintos e a proposição de comparações. Ao propor essas relações, a literatura se revela como instrumento de reflexão e também um articulador discursivo da construção de identidades, como propôs Oliveira Mendes (2002). Neste aspecto, temos, primeiro, a comparação entre duas figuras históricas que, colocadas em relação, caracterizam-se mutuamente como oposição ao domínio colonial. Por outro lado, há, ainda, as circunstâncias da comparação, dadas pela profecia de Dona Felicidade e pelo contexto geral da obra de Agualusa, que levam a reflexões mais gerais sobre a herança do colonialismo português no Brasil e em Angola.

Quanto à caracterização de Ginga, mais especificamente, destaca-se uma dimensão bélica da personagem. Nesse sentido, ela pode ser entendida como uma figura inserida no panteão nacional angolano, equiparada a outros heróis, como Ekuikui, também um líder guerreiro de resistência aos portugueses. Trata-se, portanto, de uma perspectiva distinta do que se viu em *Nação crioula*. Se antes havia um olhar próximo ao colonial, agora, em *O ano em que Zumbi tomou o Rio*, há um retrato de Ginga muito mais vinculado às caracterizações anticoloniais de uma figura a ser exaltada pelo povo de Angola.

O Vendedor de Passados

Este romance, publicado em 2004, apresenta como tema motivador a relação entre passado, ficção, memória, verdade e identidade nacional. É narrado por uma lagartixa, Eulálio, que vive na casa de Félix Ventura, um vendedor de passados. Esse ofício, já referenciado no título, envolve a comercialização de um “passado”, ou seja, de um histórico familiar, normalmente prestigioso, àqueles que procuram Félix Ventura. Ao longo da obra, portanto, o problema da venda de passados aponta para a relação entre a identidade pessoal e a identidade social que os personagens buscarão construir para si mesmos, algo que também está presente nas reflexões de Oliveira Mendes sobre o problema da construção das identidades (2002).

Entre narrações do presente, sonhos e memórias de seu passado como humano, Eulálio nos apresenta à grande questão que move a narrativa: Félix Ventura, acostumado a vender passados,



é procurado por um estrangeiro que quer comprar uma identidade nova, não apenas um passado. Embora reticente no começo, Félix acaba consentindo, principalmente por conta da insistência e da oferta monetária do estrangeiro.

É justamente a partir das consequências dessa transação que o romance irá propor reflexões sobre a maneira como contamos e recontamos, construímos e reconstruímos nosso passado e os impactos que isso causa na nossa “identidade”. É uma discussão que extrapola o âmbito pessoal para abarcar toda a questão da identidade nacional angolana. Aliás, o livro aborda acontecimentos que remontam à década de 1970, chegando a momentos contemporâneos à sua publicação, de certa maneira revisitando as três décadas de independência de Angola.

Com esse enredo como pano de fundo, a Rainha Ginga aparece apenas como uma menção, em um capítulo da metade final do romance. Embora curta e pontual, essa menção cumpre um papel significativo dentro de um romance que tem como fio condutor as reflexões sobre passado, memória, ficção e história. Afinal, a própria personagem da Rainha Ginga é um índice, no romance e no próprio imaginário da cultura angolana, de uma identidade nacional, uma identidade unificadora para o povo de Angola.

A Rainha Ginga é citada no capítulo “o Ministro”, onde um ministro do país vai à casa de Félix Ventura conhecer o passado que estava adquirindo. Colocado diante da escolha entre ser descendente de um governador colonial ou um neto da Rainha Ginga, o tal ministro prefere a primeira opção, Salvador Correia de Sá e Benevides, que teria sido o responsável pela expulsão dos holandeses de Angola.

O Ministro suspendeu a respiração, ansioso, enquanto o meu amigo lhe declamava a genealogia: – Este é o seu avô paterno, Alexandre Torres dos Santos Correia de Sá e Benevides, descendente em linha directa de Salvador Correia de Sá e Benevides, ilustre carioca que em 1648 libertou Luanda do domínio holandês... – Salvador Correia?! O gajo que deu o nome ao liceu? – Esse mesmo. – Julguei que era um tuga. Algum político lá da metrópole, ou um colono qualquer, por que mudaram então o nome do liceu para Mutu Ya Kevela? – Porque queriam um herói angolano, suponho, naquela época precisávamos de heróis como de pão para a boca. Se quiser ainda lhe posso arranjar outro avô. Consigo documentos provando que você descende do próprio Mutu ya Kevela, de N’Gola Quiluanje, até mesmo da Rainha Ginga. Prefere? – Não, não, fico com o brasileiro. O gajo era rico? (AGUALUSA, 2004, p. 120).

O fato é, portanto, que o ministro pretere Ginga, escolhendo um representante da colonização portuguesa. Precisamos, então, recapitular alguns dados históricos que relacionam Salvador Correia de Sá e Benevides e a Rainha Ginga. Em primeiro lugar, é preciso notar que, quando Salvador Correia de Sá e Benevides esteve em Angola, na qualidade de governador colonial, entre 1648 e 1651, a Rainha Ginga reinava em Ndongo-Matamba. Ou seja, há, reconhecidamente, uma interação entre esses dois personagens históricos.

Logo, antes da chegada de Salvador Correia de Sá e Benevides a Angola, Ginga havia se aliado aos holandeses e imputado severas derrotas aos portugueses. É preciso recordar que os holandeses haviam chegado a Luanda em abril de 1641, conquistando a cidade. A chegada desses outros europeus que não os portugueses, representou, para alguns dos principais líderes da África Central, como Ginga e o rei Garcia II do Congo, uma possibilidade de aliança para derrotar e expulsar os portugueses.

Há, aliás, registros históricos, de que Ginga comemorou a vitória dos holandeses em Luanda, enviando imediatamente diplomatas para negociar com eles, como o relato do padre Cavazzi, *Istorica*

descrizione (1687). De fato, seus interesses eram distintos daqueles dos holandeses, que queriam o controle do tráfico de escravos na região, mas ambos os lados poderiam trilhar uma parte do caminho comum, que seria a expulsão dos portugueses.

Entretanto, é a chegada de Salvador Correia de Sá e Benevides que muda a situação do conflito na região, pois ele consegue reconquistar Luanda. Os holandeses, rendidos, deixam a região e abandonam o exército de Ginga, que é obrigado a recuar. É possível dizer, portanto, que embora Correia de Sá não tenha lutado diretamente com Ginga, ele impediu que ela expulsasse os portugueses da região.

A partir desses dados, é interessante notar como, no romance *O vendedor de passados*, o ministro, um representante do estado nacional angolano, pretere uma figura célebre africana para associar-se a um líder português que representou a expulsão dos holandeses. Não é possível afirmar quais foram os motivos do ministro, porque isso não é tratado no livro, mas podemos propor que essa nova reconstrução da memória angolana continua em diálogo direto com a história do colonialismo português em Angola.

Podemos, assim, pensar em algumas questões. A primeira é a constatação de que a obra, nesse ponto, parece apontar para a complexidade do conflito que se deu no território angolano: não se pode falar simplesmente em um embate entre portugueses e o reino da rainha Ginga, o principal reino do território que hoje é Angola. Havia, ali, muitos interesses e alianças bastante variáveis, que eram estabelecidas por questões pragmáticas mais imediatas. Estavam ali, do lado europeu, portugueses e holandeses, em lados opostos, apesar dos interesses similares em relação ao tráfico de pessoas escravizadas; e, do lado africano, havia o reino de Matamba-Ndongo, da Rainha Ginga, o reino do Congo, e uma infinidade de sobas (líderes locais), chefes jagas (etnia conhecida por sua ferocidade militar e crueldade), entre outros.

Essa complexidade impacta a imagem da Rainha Ginga, portanto, e seu lugar no “panteão de heróis de Angola”. Afinal, ela não é apenas líder da resistência aos portugueses, ela foi também uma aliada, ainda que pragmática, dos holandeses, europeus interessados basicamente no tráfico de escravos da região. Se levarmos em consideração uma parte considerável de textos históricos, sociológicos, literários, e até mesmo a associação entre Ginga e Ekuikui proposta em *O ano em que Zumbi tomou o Rio*, a escolha óbvia no caso do tal ministro seria adquirir um passado relacionado à Rainha Ginga. Assim sendo, há indícios de que Agualusa apresenta, em sua construção da rainha Ginga, um olhar que não necessariamente a vê apenas como heroína nacional, mas como uma personagem dotada de grande complexidade histórica, principalmente quando lemos a sua obra em uma perspectiva mais transversal.

Dessa forma, o fato de Ginga ser preterida é também uma mostra de como a reconstrução do passado, da memória angolana, apresenta complexidades que também estão marcadas por contingências pessoais e por disputas narrativas em torno das figuras heroicas de uma Angola pós-independência.

Considerações Finais

É importante dizer que a Rainha Ginga não é a protagonista de nenhum dos romances analisados. De fato, ela é apenas citada nos três textos. Isso não impede, entretanto, que a mera menção à sua figura dispare um grande número de reflexões que conectam temas como raça, identidade nacional, resistência à colonização, história, memória, passado, ficção e gênero. Trata-se, portanto, de uma personagem dotada de grande potência literária, especialmente quando pensada a partir de discussões sobre o colonialismo português e a construção de Angola no contexto pós-colonial.

É possível afirmar que a construção da personagem em *Nação crioula* (1997) se dá por meio de uma perspectiva colonial, alinhada, por exemplo, à visão do padre catequizador Cavazzi. Isso se dá, principalmente, por conta da perspectiva daquele que escreve as cartas, Fradique Mendes. Apesar de afirmar-se “quase um africano” e de aliar-se a movimentos abolicionistas, o personagem jamais abandona completamente a posição de homem branco colonizador que pode interferir nos territórios colonizados e avaliar as relações sociais ali existentes.

Por outro lado, nos romances *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2002) e *O vendedor de passados* (2004), a perspectiva é outra. Há que se reconhecer, nas duas obras, uma postura crítica, que passa a apontar para relações possíveis entre a construção das personagens e a formação de uma identidade e uma memória angolanas.

Em *O ano em que Zumbi tomou o Rio*, a construção da Rainha Ginga aproxima-se das representações anti-coloniais (MATA, 2006), principalmente àquelas vinculadas à independência de Angola, que, segundo a análise de Lugarinho (2016) e Maia (2019b), priorizam a construção de heróis nacionais, dotados de uma identidade completamente positiva a ser mimetizada pelo povo angolano.

Por outro lado, em *O vendedor de passados*, a figura da Rainha Ginga parece ganhar contornos mais complexos. Seria possível, portanto, como propôs Maia (2019a), visualizar uma terceira maneira de retratar a personagem histórica. Por um lado, não se vislumbra uma vinculação à visão colonial que imputa apenas crueldade e violência à governante do Ndongo-Matamba. Mas também, por outro lado, não há apenas a idealização da personagem. A Rainha Ginga, em *O vendedor de passados*, torna-se um elemento de memória e da identidade angolanas a ser revisitado, contextualizado e repensado de maneira multidimensional. Na continuidade destas pesquisas, portanto, resta verificar se essa nova construção da personagem trará outros desdobramentos.

Referências bibliográficas

- Corpus

AGUALUSA, José Eduardo. *Nação Crioula: A correspondência secreta de Fradique Mendes*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

AGUALUSA, José Eduardo. *O ano em que Zumbi tomou o Rio*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010. Edição Kindle.

AGUALUSA, José Eduardo. *O Vendedor de Passados*. Lisboa: Dom Quixote, 2004.



QUEIROZ, Eça de. *A correspondência de Fradique Mendes*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

- Estudos críticos e teóricos

AGOSTINHO NETO, Antônio. O içar da bandeira. In: *Sagrada esperança*. São Paulo: Ática, 1985.

CAVAZZI DE MONTECUCOLO, Giovanni Antonio. *Njinga, Rainha de Angola*. Lisboa: Escolar Editora, 2013.

GALVÃO, Walnice. *A donzela-guerreira: um estudo de gênero*. São Paulo: Senac, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEYWOOD, Linda. *Jinga de Angola: A Rainha guerreira da África*. São Paulo: Todavia, 2019.

LUGARINHO, Mário. A apoteose da Rainha Ginga: gênero e nação em Angola. In: *Cerrados*, Brasília, v. 25, n. 41, 2016, p. 88-96.

MAIA, Helder Thiago. *Transgressões canônicas: Queerizando as donzelas-guerreiras*. In: *Cadernos de Literatura Comparada* (Univ. do Porto), n. 39, 2018, p. 91-108.

MAIA, Helder Thiago. *Notas sobre donzelas-guerreiras, gênero e sexualidade em A Rainha Ginga de José Eduardo Agualusa*. *Revista Mulemba*, v.11, n. 20, p. 74-96, 2019a.

MAIA, Helder Thiago. *A ginga da Rainha: apoteose da Rainha Ginga no carnaval carioca*. *Moderna Sprak*, v. 113, n. 1, p.129-163, 2019b.

MAIA, Helder Thiago. *Entra na roda e ginga: imaginário literário brasileiro sobre a Rainha Ginga*. No prelo, 2019c.

MATA, Inocência. *Laços de Memória & Outros Ensaios Sobre Literatura Angolana*. Luanda : União dos Escritores Angolanos, 2006.

MATA, Inocência. Representações da rainha Njinga/Nzinga na literatura angolana. In: MATA, Inocência (Org). *A Rainha Nzinga Mbandi: História, Memória e Mito*. Lisboa: Edições Colibri, 2014.

MENDES, José Manuel de Oliveira. O desafio das identidades. In: SANTOS, B. S. (Org.) *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA PINTO, Alberto. Representações culturais da Rainha Njinga Mbandi (c.1582-1663) no discurso colonial e no discurso nacionalista angolano. In: *Estudos Imagética*, 2014.

PELBART, Peter Pál. Da loucura à desrazão. In: *A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

